

Baião chega na entressafra

O baiano Agnaldo da Conceição, 31 anos, natural de Irecê, é o típico migrante sazonal: quando tem safra de feijão na Bahia ele está lá; quando não tem, põe mulher e filhos no *pau-de-arara* e vem para Brasília.

Já fez isso três vezes. Na primeira, em 89, ficou três meses morando num buraco sob o Eixo L Norte, na altura da 212.

Durante esse tempo, trabalhou como pedreiro "fichado" numa firma de construção. Ao final da empreitada, voltou para Irecê com passagem paga pelo governo.

Dois anos depois, Agnaldo voltou. Com a família a tiracolo. Passou um mês sob a ponte do Córrego Bananal, até conseguir emprego numa chácara em Planaltina, onde ficou cinco meses.

Migrantes — A mulher, Ednalda, de 25 anos, estava grávida e quis ter o filho na Bahia. Mais uma vez o governo custeou a volta dos migrantes.

No final do ano passado não houve safra de feijão na Bahia. Resultado: em novembro, estavam novamente Agnaldo e Ednalda, com os filhos, no buraco da 212 Norte.

"Nossa terra só presta quando tem safra. Quando não tem, a gente passa fome", explica Agnaldo.

E não dá para ser diferente. Durante a safra, ele consegue ganhar entre R\$ 200 e R\$ 300 por mês. Na entressafra, "quando tem trabalho, eu tiro R\$ 10 por mês, capinando roça", conta.

Agnaldo e Ednalda já chegaram a ter uma modesta casinha em Irecê. "Vendi por R\$ 200 para dar de comer às crianças", lamenta.

Desidratação — O dinheiro não rendeu muito. Dos oito filhos que tiveram, cinco morreram antes dos três meses. De fome, febre e desidratação.

Desta vez Agnaldo não conseguiu emprego em Brasília. Mas está arrecadando mais do que se estivesse "fichado" como pedreiro: R\$ 40 ou R\$ 50 por semana. Como? Do mesmo jeito que tantos outros migrantes: vigiando carros.

"Aqui a gente não morre de fome. Quando não tem emprego, a gente vive com o que o povo passa e deixa pra gente", conta Ednalda.

É o que pensam, também, os outros que vivem no buraco da 212 Norte, que acomoda atualmente 16 pessoas, na maioria crianças.

Mas a família de Agnaldo vai voltar para Irecê. "Já comprei passagem, pois desta vez o governo não deu", contou.

O próximo destino desse migrante sazonal será Palmas, capital de Tocantins: "Lá é bom de arrumar serviço".